La Comédiathèque

BATAS BRANCAS e HUMOR NEGRO

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
https://comediatheque.net

Batas brancas e humor negro

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O hospital era quase perfeito... O crime também.
Uma comédia policial tingida de humor negro.

Personagens:
O médico: Carlos Miranda (homem ou mulher a interpretar um papel masculino)
As duas enfermeiras: irmã Esperança e Bárbara
Os três pacientes (homens ou mulheres): Thelma, Luísa (ou Luís), Fernanda (ou Fernando)
Os cinco visitantes (homens ou mulheres): Pedro, Sandy, Fred, Ângela (ou Ângelo), Alex
Os dois polícias (homens ou mulheres): inspetor Carvalho e agente Da Costa

Pacientes, visitantes e polícias podem ser representados por homens ou mulheres. Alguns papéis podem ser acumulados pelo mesmo intérprete: quem representa Ângela pode também representar Alex; os intérpretes de Pedro e Sandy podem interpretar os dois polícias.

Número possível de intérpretes: 10 a 13

Distribuições possíveis por sexo, a título indicativo:
10: 8H/2M, 7H/3M, 6H/4M, 5H/5M, 4H/6M, 3H/7M, 2H/8M, 1H/9M, 10M
11: 8H/3M, 7H/4M, 6H/5M, 5H/6M, 4H/7M, 3H/8M, 2H/9M, 1H/10M, 11M
12: 8H/4M, 7H/5M, 6H/6M, 5H/7M, 4H/8M, 3H/9M, 2H/10M, 1H/11M, 12M
13: 8H/5M, 7H/6M, 6H/7M, 5H/8M, 4H/9M, 3H/10M, 2H/11M, 1H/12M, 13M

© La Comédiathèque

A sala de visitas de um hospital. A irmã Esperança, morena de beleza discreta e vestida com o hábito de enfermeira religiosa, cantarola enquanto enfeita uma árvore de Natal raquítica, colocada sobre uma mesa num canto. Diante da árvore está um presépio. Surge por trás dela o doutor Carlos Miranda, um médico atraente, com ar de galã, bata branca e estetoscópio ao pescoço. Ambiente de romance hospitalar.

Carlos – Bom dia, irmã Esperança. Está tudo bem?

Esperança sobressalta-se, surpreendida e um pouco perturbada.

Esperança – Bom dia, doutor Miranda. Pregou-me um susto...

Carlos – Peço imensa desculpa. Mas chame-me Carlos...

Esperança – E por que razão, doutor Miranda?

Carlos – Porque é o meu nome próprio, Esperança!

Esperança – Claro... Mas, se não se importa, continuarei a chamar-lhe doutor Miranda. Parece-me mais adequado. E preferia que me chamasse irmã Esperança...

Carlos – Como queira, irmã... Mas fez maravilhas com esta árvore! Está magnífica...

Esperança contempla, satisfeita, a árvore de Natal à beira da morte, que umas grinaldas gastas mal conseguem alegrar.

Esperança – Os nossos doentes bem precisam de algum consolo nesta época do ano, quando nem todos têm o carinho da família...

Carlos – Claro...

Esperança – A este símbolo laico, a árvore de Natal, tomei a liberdade de acrescentar um presépio. Espero que não se importe, doutor.

Carlos – Também faz parte da magia do Natal! Até os grandes armazéns montam presépios. Porque não o nosso hospital? Afinal, também somos uma empresa comercial!

Esperança – É importante que os doentes que não têm família saibam que podem sempre contar com o amor de Nosso Senhor...

Carlos – Tem razão...

Esperança inclina-se para colocar as figuras no presépio.

Esperança – Ajude-me a pôr o Menino Jesus no presépio?

Carlos – Eh... sim.

Carlos aproxima-se para a ajudar, e os dois roçam um no outro.

Esperança – Aqui tem o boi e o burro... Bem lá atrás...

Carlos – Perfeito.

Esperança – E aqui está a Virgem Maria.

Entra Bárbara, tão loira como Esperança é morena, com uma bata que realça muito mais os seus encantos.

Bárbara *(com ironia)* – Suponho que não estavam a falar de mim, irmã...

Carlos – Ah, Bárbara! Estava precisamente à sua procura...

Bárbara – A mim não me encontra num presépio...

Carlos – Pronto, irmã... Consegui arranjar lugar para todos, mas não foi fácil...

Bárbara – Nem num presépio é fácil arranjar lugar para toda a gente...

Carlos – Bom dia, Bárbara. Ia começar a ronda. Acompanha-me?

Bárbara – Como os Reis Magos seguiram a estrela de Belém, Carlos. Já sabe que vou para onde o doutor for...

Carlos – Deixo-a, Esperança... Quero dizer, irmã Esperança...

Bárbara lança a Esperança um olhar ciumento. Embaraçada, Esperança prefere retirar-se.

Esperança – Eu também tenho coisas para fazer...

Esperança sai.

Carlos – Vamos, Barbarella? Quer dizer, Bárbara...

Carlos e Bárbara saem. Ângela, vestida de estilo gótico, entra a empurrar Luísa numa cadeira de rodas, com um saco de soro pendurado no suporte.

Ângela – Então, feliz Natal, tia Luísa!

Luísa – Obrigada, Ângela... Não sei se chegarei ao próximo...

Ângela – Vá lá, não digas isso... *(Tira da mala uma garrafa de champanhe e duas taças.)* Olha o que trouxe para brindarmos...

Luísa – Oh, mas é uma loucura...

Ângela abre a garrafa e enche as taças. Depois, tira da mala um pacote de bolachas.

Ângela – Também te trouxe línguas de gato. Sei que gostas...

Luísa – És mesmo um anjo, Ângela. Mas com o meu estômago... ou o que resta dele... preferia uns palitos de champanhe...

Ângela – Molhas estas no champanhe para amolecerem. E aqui está a tua prenda...

Ângela entrega um envelope a Luísa.

Luísa – Obrigada! O que é isto?

Ângela – Surpresa!

Luísa – Um envelope... Espero que não seja dinheiro. É a única coisa que não me falta... À minha idade, falta-me é tempo para o gastar...

Ângela – Pois... *(Baixinho.)* A vida é injusta... Eu é que tenho tempo de sobra...

Luísa, que não ouviu, esforça-se por abrir o envelope. Entretanto, Ângela despeja o conteúdo de um pequeno frasco na taça da tia e deixa cair discretamente o frasco para debaixo da mesa. Luísa consegue finalmente tirar um papel do envelope.

Luísa – O que é isto?

Ângela – Uma assinatura de um ano da revista Vida Plena!

Luísa – Um ano inteiro! Não sei se chegarei a aproveitar até ao fim...

Ângela *(a meia voz)* – Também não tenho a certeza...

Luísa – Como?

Ângela tira da mala um exemplar da revista e entrega-o a Luísa.

Ângela – Aqui tens o primeiro número. Já ficas com alguma coisa para ler...

Luísa – Obrigada, Ângela!

Ângela – Se ficas contente, eu também fico, tia... *(Dão dois beijos.)* Então, brindamos?

Luísa – Não sei se é muito sensato...

Ângela – Vá lá, um copinho pelo Natal não pode fazer mal!

Luísa – Mas serviste-me demais...

Ângela – Que nada!

Luísa – Podes passar-me o meu xaile, por favor?

Ângela vira-se para ir buscar o xaile a um cadeirão. Luísa aproveita para trocar as taças, ficando com a que tem menos champanhe.

Ângela – Aqui está...

Luísa – Obrigada, és um amor... Ainda bem que me vens ver. Se não fosses tu, ninguém cá punha os pés...

Ângela – É natural, sou tua sobrinha... *(Com um grande sorriso.)* Então, tia, pensaste no que falámos da última vez?

Luísa – O quê?

Ângela – Sobre o teu testamento... Não sei se é boa ideia deixares tudo à Cruz Vermelha...

Luísa – Não é à Cruz Vermelha, é ao doutor Miranda! Quer dizer, à fundação dele! Uma fundação que trata de órfãos sem pais...

Ângela – Agora toda a gente tem uma fundação, até os assassinos em série... E eu também vou ficar um bocadinho órfã quando já não estiveres cá...

Luísa – Tu tens os teus pais. E não passam necessidades: são ambos dentistas... Aliás, a tua mãe sempre rangeu os dentes quando me via... E nunca me vem visitar...

Ângela – Mas eu estou aqui!

Luísa – Foi por isso que, ao princípio, fiz um testamento a teu favor... Está na gaveta da mesinha de cabeceira... Mas o doutor Miranda convenceu-me a... E eu sei que, quando me vens visitar, não é por causa do meu dinheiro...

Ângela – Claro...

Luísa – Tu tens família, podes estudar e até ser dentista como os teus pais. Mas aqueles pobres órfãos... Se o bom doutor Miranda não tiver meios para cuidar deles...

Ângela – Ouve, faz o que entenderes... Afinal, o dinheiro é teu. Mas já fizeste esse testamento novo?

Luísa – Ainda não... Faço-o logo...

Ângela sorri.

Ângela – Perfeito... À tua saúde!

Bebem.

Luísa – Está fresquinho...

Ângela – Sim, é do bom...

Luísa semicerra os olhos para tentar ler o rótulo da garrafa.

Luísa – Viúva do Tricô... Esta marca não conhecia...

Ângela – E uma língua de gato para acompanhar?

Luísa – Obrigada. Talvez prove quando te fores embora...

Ângela petisca algumas línguas de gato.

Ângela – Isso, enquanto lês a Vida Plena... Bom, vou deixar-te, tia. Deves estar cansada...

Luísa – Ainda estou bem... Não queres jogar uma partida de Cluedo antes de ires?

Ângela – Desculpa, mas não tenho mesmo tempo... Volto para te desejar um bom ano...

Dão dois beijos.

Luísa – Diverte-te! E obrigada por vires visitar a tua velha tia no Natal... Ah, também tenho uma prenda para ti! Está debaixo da mesa...

Ângela pega no embrulho, abre-o e tira uma peça de lã.

Ângela – O que é isto?

Luísa – É um cachecol! Tricotei-o para uma amiga, mas morreu antes de poder usá-lo. Gostas?

Ângela – Muito. Bem, até breve, tia. Feliz Natal!

Ângela parte.

Luísa – Que aspeto tão estranho... Cada vez que me vem ver parece que já estou no Inferno... *(Suspira.)* Bem, vamos lá ver...

Luísa abre a Vida Plena e começa a folheá-la enquanto molha uma língua de gato no champanhe. Semicerra os olhos.

Luísa – Onde é que meti os óculos...? Devo tê-los deixado no quarto...

Luísa sai na cadeira de rodas. A irmã Esperança entra a amparar Fernanda pelo braço e ajuda-a a instalar-se num cadeirão.

Esperança – Sente-se aqui um bocadinho, Fernanda. Não faz bem passar o dia todo deitada...

Fernanda – Ora, o cemitério será a minha próxima morada... Mais vale ir treinando.

Esperança – Pois, mas ainda vai a tempo. Quer jogar uma partida de Scrabble para exercitar um pouco a cabeça?

Fernanda – Exercitar o quê?

Esperança – Os neurónios!

Fernanda – Está bem...

Esperança prepara o jogo.

Esperança – Aqui tem as suas letras. Quer começar?

Fernanda – Não sei se vou conseguir... Já não tenho a cabeça no sítio...

Esperança – Experimente...

Fernanda – Ora, vou pôr esta... *(Dispõe as sete letras no tabuleiro.)* OXIDARA, do verbo oxidar. Quinze pontos... Mais oito pelo X a dobrar: vinte e três. Vezes dois, quarenta e seis. Mais cinquenta por usar as sete letras... Noventa e seis!

Esperança – Ena! Pelo menos os seus neurónios ainda não estão oxidados...

Entram Sandy e Pedro, filha e genro de Fernanda. Pedro pode ser interpretado por uma mulher caracterizada de homem ou por uma mulher de aspeto masculino; neste último caso, seriam um casal de mulheres, o que acrescentaria outra dimensão cómica à confusão de Fernanda.

Esperança – Ah, parece que tem visitas, Fernanda... Deixo-vos em família... Minhas senhoras, meus senhores...

Sandy *(a Esperança)* – Bom dia, irmã...

Fernanda – É sua irmã?

Esperança *(com paciência)* – Não, Fernanda, é a sua filha...

Esperança troca um sorriso com Sandy e sai.

Sandy – Então, mãe, como estás hoje?

Fernanda – Oh, sabes como é, na minha idade...

Pedro – Bom dia, sogrinha...

Fernanda – Quem é este?

Sandy – Ó mãe, é o Pedro, o meu marido!

Fernanda – Estás casada? Desde quando?

Sandy – Há uns vinte anos.

Fernanda – Ao menos podias ter-me mandado um convite...

Sandy – Mas estiveste no nosso casamento, mãe! *(Tira uma fotografia da carteira.)* Olha, és tu à saída da câmara municipal.

Fernanda – Ah, sim... E aquele que te leva pelo braço, com um fato que lhe fica enorme, quem é?

Pedro – Sou eu, sogra. O Pedro, seu genro!

Fernanda observa-o.

Fernanda – Credo, como envelheceu! Não admira que não o reconhecesse...

Pedro – Pois, envelhecemos todos...

Sandy oferece à mãe uma caixa.

Sandy – Olha, trouxe-te uma caixa de doces de fruta.

Fernanda – Obrigada... Não são muito duros, pois não? Por causa dos dentes...

Pedro – São doces de fruta, sogra... São muito tenrinhos...

Fernanda *(à parte, a Sandy)* – Porque é que ele me chama sogra?

Pedro prefere mudar de assunto.

Pedro – Então, Fernanda, dormiu bem esta noite?

Fernanda – Tive um sonho esquisito...

Pedro – Ah sim? Com quê?

Fernanda – Oh, já não importa muito agora...

Sandy – Conta lá... *(Baixinho.)* Ao menos temos assunto de conversa...

Fernanda – Sonhei com uns lingotes que a minha mãe me ofereceu pelo Natal, pouco antes de morrer...

Sandy e Pedro, surpreendidos, trocam um olhar.

Sandy – Lingotes?

Pedro – Lingotes de ouro, sogra?

Fernanda – Como?

Sandy – A tua mãe deu-te lingotes de ouro? Nunca nos tinhas contado!

Fernanda – Não vos dizia respeito... E como já nem me lembrava de onde os tinha metido... Só esta noite é que me veio à memória...

Pedro – E então?

Fernanda – Sabem como são os sonhos: acordamos e esquecemo-nos de metade.

Sandy – E de que metade te lembras?

Fernanda – Lembro-me da caixa... E dos lingotes todos lá dentro.

Sandy – Todos? Então eram muitos?

Pedro – E não se lembra onde escondeu a caixa?

Fernanda – Escondi?

Pedro – Faça um esforço, sogra!

Sandy – Se calhar enterraste-os no jardim...

Fernanda – O quê?

Pedro *(a perder a paciência)* – Os lingotes, raios! Os malditos lingotes!

Fernanda – Ah, isso esqueci-me completamente...

Sandy – Tenta lembrar-te...

Fernanda – Sim, da caixa lembro-me bem. *(Aponta para os doces de fruta.)* Era um bocadinho maior do que esta.

O doutor Miranda volta a passar. Sandy e Pedro ficam pouco à vontade com a presença desta testemunha inconveniente.

Carlos – Bom dia, Fernanda. Como se sente hoje?

Fernanda – Bom dia, Doutor.

Carlos – Ah, vejo que foi ao cabeleireiro para o Natal! Fica-lhe muito bem...

Fernanda – Que galanteador...

Carlos – Minhas senhoras, meus senhores... Está tudo bem?

Pedro – Bom dia, doutor Miranda...

Sandy – Sim, sim, tudo bem. Não é, mãe? *(Baixinho.)* Está cada vez mais esquecida, mas de resto está bem...

Carlos – A vossa mãe é rija, acreditem. Ainda nos enterra a todos! Não é verdade, Fernanda?

Pedro – E para a memória não haverá nada que...

Sandy – Mesmo que fizesse efeito só durante algum tempo...

Carlos – Para a memória... Deixe-me ver se me lembro... Tomo um medicamento muito eficaz, mas... Não me consigo lembrar do nome... *(Sandy e Pedro olham-no, perplexos.)* Estou a brincar! Aqui temos de rir um pouco, senão... ainda acabávamos todos por nos suicidar. Não, infelizmente, ainda não existe cura para a perda de memória...

Pedro – Percebo... Talvez seja uma doença degenerativa...

Fernanda vai adormecendo lentamente no cadeirão.

Carlos – Uma longa doença degenerativa de que, infelizmente, todos sofremos desde que nascemos...

Pedro – E como se chama?

Carlos – A vida, meu caro senhor! A vida! Uma doença genética cujo desfecho é invariavelmente fatal, mais cedo ou mais tarde. *(O bip do médico toca.)* Bom, meus amigos, o dever chama-me. Feliz Natal!

Sandy sacode ligeiramente a mãe para a acordar.

Sandy – Acorda, mãe, vamos dar uma voltinha ao parque...

Pedro – O ar fresco pode ser que lhe avive a memória...

Sandy – Vá lá, mãe! Levanta-te e anda!

Sandy, Pedro e Fernanda saem. Luísa regressa na cadeira de rodas e volta a ler a Vida Plena. Thelma entra com dificuldade, agarrada com uma mão ao suporte de soro com rodas e com o computador portátil na outra.

Thelma – Então, Luísa, ainda não morreu?

Luísa – Ai, Thelma, sempre com a palavra certa... Quando nos deixar, vamos ter saudades suas...

Thelma – Com um bocadinho de sorte, vai antes de mim... Que está a ler?

Luísa – Vida Plena. Foi a minha sobrinha que me ofereceu...

Thelma – Pelo menos a sua sobrinha tem sentido de humor... É interessante?

Luísa – É, mas vem cheia de anúncios... Aparelhos auditivos, cadeiras elevatórias, seguros de funeral...

Thelma – Parece uma maravilha...

Thelma senta-se e abre o computador portátil.

Luísa – Há Wi-Fi aqui?

Thelma – O sinal é melhor ao pé da morgue, mas agora está ocupada.

Luísa – Ah, é? Por quem?

Thelma – Pensei que fosse a senhora, mas pelos vistos não...

Thelma liga o computador.

Luísa – Talvez seja a Fernanda...

Thelma – Acha?

Luísa – São sempre os melhores que partem primeiro...

Thelma – Prefiro ser uma víbora. Conserva-me melhor...

Luísa – Coitada da Fernanda... Nem parecia estar assim tão mal. Nunca apostaria que fosse a primeira a ir...

Thelma – Eu apostei...

Luísa – Perdão?

Thelma – Apostei nela.

Luísa – A sério?

Thelma – Cinquenta euros... Como não é a senhora que está na morgue, ainda tenho hipóteses...

Luísa – Desde que não aposte em mim como a próxima...

Thelma examina a ficha clínica presa à cadeira de rodas de Luísa.

Thelma – Deixe cá ver... Bolas, que belo processo... Sem querer lisonjeá-la, é das favoritas!

Luísa lança-lhe um olhar preocupado.

Luísa – A sério?

Thelma começa a teclar.

Thelma – Está bem... Tenho duas barras...

Luísa – Duas barras?

Thelma – De rede, do Wi-Fi!

Luísa – Ah, sim...

Thelma continua a teclar. Luísa volta à revista.

Thelma – Uau! Este não está nada mal! Veja!

Thelma vira por instantes o ecrã para Luísa.

Luísa – Em que espécie de site está?

Thelma – Num site de encontros... O meu pseudónimo é Thelma...

Luísa – Thelma? Esse não é o seu verdadeiro nome?

Thelma – Na verdade chamo-me Maria das Dores... Mas, para conhecer alguém na Internet, Maria das Dores não ajuda...

Luísa – Acha mesmo que, no estado em que estamos, ainda podemos conhecer alguém?

Thelma – Tirando quem venha dar-nos a extrema-unção, passar a certidão de óbito ou fazer-nos a autópsia, quer dizer? Sonhar não custa... Mas este deixou-me o coração aos saltos...

Luísa – Com a sua tensão arterial, o coração aos saltos ainda acaba num ataque cardíaco...

Thelma volta a teclar.

Thelma – Estou indecisa...

Luísa – No nosso estado, não convém hesitar muito tempo.

Thelma – Pronto, vou tentar a sorte...

Luísa – Não quero desanimá-la, mas quando ele vir a sua fotografia...

Thelma mostra-lhe de novo o ecrã.

Thelma – Cá está a minha fotografia...

Luísa – Mas... é a irmã Esperança!

Thelma – Não é propriamente uma bomba, mas era a única fotografia que tinha à mão... Tirei-lha ontem com o telemóvel. Disse-lhe que a queria pôr como imagem de fundo...

Luísa – Espero que ela também não ande pelos sites de encontros...

Thelma – Uma freira? Duvido que frequente sites desses. E assim até parece mais credível...

Luísa – O que quer dizer?

Thelma – A fotografia! Não exageremos: um homem sabe que, quando uma mulher parece uma estrela de cinema, não precisa de recorrer a estes sites para arranjar companhia...

Luísa – Tem razão... Aquele ar ingénuo e um pouco pateta até pode enternecer alguém...

Thelma – Tem um ar de quem nunca partiu um prato...

Luísa – Falando no diabo...

Entra a irmã Esperança. Thelma fecha o computador à pressa.

Thelma – Bom dia, irmã!

Esperança – Thelma e Luísa! Sempre inseparáveis! Então, como estão hoje?

Luísa – Como diz o doutor Miranda, a vida é uma longa doença degenerativa...

Thelma – E nós já estamos na fase terminal...

Esperança – Estamos todos de passagem por este mundo... E Nosso Senhor espera-nos no Paraíso.

Thelma – Imagine, irmã: somos a primeira geração da Internet a chegar lá acima... Acha que haverá Wi-Fi no Paraíso?

Esperança – Se é o Paraíso, deve haver...

Thelma – Deve ser por isso que o sinal já é melhor perto da morgue...

Esperança – Posso fazer alguma coisa para vos animar, minhas senhoras?

Thelma – Continuam a não permitir haxixe nesta instituição, nem para fins terapêuticos?

Esperança – Receio bem que não...

Thelma – Bem, paciência...

Esperança – Muito bem. Então volto mais tarde para a aula de ginástica. Tenham um bom dia.

Luísa – Bom dia, irmã.

Thelma – E mais uma vez obrigada pela fotografia... Já a pus como... imagem de fundo.

Esperança – Se isso lhe traz algum conforto...

Thelma – Acredite, irmã: graças a si, algumas das minhas preces já foram atendidas...

Esperança sai. Luísa guarda a revista e começa a afastar-se na cadeira de rodas.

Luísa – Bom, não é que esteja farta da sua companhia, mas tenho trabalhos de casa...

Thelma – Trabalhos de casa? Voltou a estudar?

Luísa – Não, mas tenho de fazer o testamento...

Thelma – Faz muito bem, Luísa. Na nossa idade é mais fácil pôr alguém no testamento do que na cama... E quem é o feliz contemplado?

Luísa – Nunca me dei muito bem com a família... Estou a pensar deixar tudo ao doutor Miranda. É tão atencioso...

Thelma – E muito bem-parecido...

Luísa – Até logo, Thelma.

Thelma volta a abrir o computador.

Thelma – Até logo, Luísa.

Luísa sai. Thelma volta ao computador. Entra um rapaz com ar de rapper.

Alex – Então, avó, tudo bem?

Thelma volta a fechar o computador.

Thelma – Já te disse para não me chamares avó.

Cumprimentam-se com um beijo.

Alex – O que é que estavas a ver no computador?

Thelma – Nada de especial. Porquê?

Alex – Fechaste logo a página quando entrei. É estranho.

Thelma – Foste buscar a minha receita à farmácia?

Alex – Não te preocupes, está aqui...

Alex abre um bolso do casaco e entrega a Thelma um pequeno embrulho de folha de alumínio.

Thelma – Não trouxeste um genérico, pois não?

Alex – Não, é do bom, avó. Tenho um fornecedor que é ervanário afegão... *(Quando Thelma estende a mão, Alex trava-a.)* Calma aí! Primeiro paga-se.

Thelma entrega-lhe uma nota de cinquenta euros.

Thelma – Toma, dinheiro legítimo.

Alex – Ah sim? Como?

Thelma – Ganhei uma aposta.

Thelma guarda o embrulho e tira um charro, que acende.

Alex – Em que apostaste?

Thelma – Nem acreditavas...

Thelma dá uma passa no charro.

Alex – Achas que um dia legalizam a erva, avó?

Thelma – Para os velhos, talvez. Nos cuidados paliativos.

Alex – Que seca...

Thelma – E os teus pais, como estão?

Alex – Na boa. Deixas-me dar uma passa?

Thelma – Alto lá! Eu sou tua avó! Não te vou incentivar a consumir drogas.

Alex – E achas que estás a dar um belo exemplo?

Thelma – No meu caso é diferente. É para aliviar as dores...

Alex – Pois, pois...

Thelma é surpreendida pelo regresso da irmã Esperança. Passa o charro a Alex, que tenta escondê-lo.

Esperança – Olá, Alex! Que simpático da sua parte vir visitar a avó.

Alex – Sim, eu... Bom dia, irmã...

Esperança – Cheira a eucalipto aqui, não cheira? É a senhora que está a fumar cigarros de eucalipto, Thelma?

Thelma – Bem, eu...

Esperança – Sabe que é estritamente proibido fumar dentro do hospital, mesmo cigarros para desentupir os brônquios... Bom, deixo-vos em família. Até à vista, Alex...

Alex – Até à vista, irmã...

Thelma – Vamos mas é embora.

Alex – Onde é que podemos estar sossegados?

Thelma – Segue-me. Há um sítio onde ninguém nos incomoda e o Wi-Fi até funciona muito bem...

Alex – Fixe...

Saem, mas Thelma esquece-se do computador portátil. Carlos regressa com Bárbara.

Carlos – Bem, esta manhã até não está a correr mal, pois não, Bárbara?

Bárbara – Os nossos doentes responderam todos à chamada. Não acontece assim tantas vezes. É quase um milagre...

Carlos – É curioso, pareceu-me ver alguém na morgue...

Bárbara – Talvez nos tenhamos esquecido de lá alguém... Há mortos que ninguém vem reclamar...

Carlos – Vou tratar disso...

Bárbara *(provocadora)* – Não prefere tratar de mim?

Carlos – É que... Não podemos deixar um corpo abandonado...

Bárbara – Um corpo abandonado... Tem um à sua frente, doutor Miranda. Está assim tão cego?

Carlos vê o computador, aproveita o pretexto para se afastar e abre-o.

Carlos – Mas o que é isto?

Bárbara – O quê?

Carlos – Um computador com uma maçã...

Bárbara *(desiludida)* – Que crueldade! Apetece-me atirar-lhe com essa maçã à cabeça...

Carlos – «An apple a day keeps the doctor away...» Uma maçã por dia mantém o médico longe...

Bárbara – Não sabia que falava inglês, Carlos...

Carlos – Andei num colégio inglês. Há coisas que não se esquecem...

Bárbara – Estou a ver...

Carlos – Seja como for, não é coisa que se deixe aqui abandonada. É seu?

Bárbara – Não...

Carlos – Não deve haver muitos ladrões por aqui, mas nunca se sabe...

Bárbara repara na imagem do ecrã.

Bárbara – Pois, tem razão... Sobretudo quando se deixam abertos sites deste género...

Carlos – Que tipo de site?

Bárbara – Um site de encontros!

Carlos – Não me diga que os nossos pacientes...

Bárbara – Mas... é a fotografia da irmã Esperança!

Carlos – Está a brincar...

Bárbara – Se não é ela, parece-se imenso...

Carlos – Deixe-me ver...

Bárbara – Usa o nome Thelma.

Carlos – A sério?

Bárbara – Claro, com um nome como irmã Esperança, é melhor usar um pseudónimo nestes sites. Não vá atrair os tarados...

Entra a irmã Esperança. Carlos e Bárbara, estupefactos, olham para ela com outros olhos.

Esperança – Tudo bem?

Carlos – Muito bem...

Bárbara – Muito, muito bem...

Esperança – Perfeito...

Bárbara – Tem a certeza de que não se esqueceu de nada, irmã?

Esperança – Que eu saiba, não. Bem, até mais logo...

A irmã Esperança continua a andar, algo embaraçada com os olhares insistentes dos dois, e sai.

Carlos – Nunca pensei uma coisa destas dela... Tem um ar tão...

Bárbara – Pois... Nunca chegamos a conhecer bem as mulheres...

Carlos – Ela não levou o computador...

Bárbara – Não teve coragem... A santinha!

Carlos – Seria realmente embaraçoso...

Bárbara – Nem me diga!

Carlos – Deixamo-lo aqui. Ela há de vir buscá-lo discretamente...

Bárbara prepara-se para sair.

Bárbara – Vem, doutor?

Carlos – Sim, sim, já vou ter consigo...

Bárbara sai. Carlos hesita por instantes, depois começa a escrever febrilmente no computador. Thelma regressa. Carlos afasta-se de mansinho.

Thelma – Uau, isto é do bom... *(Vê o computador.)* Ah, bem me parecia que me tinha esquecido dele...

Fernanda regressa com Sandy e Pedro.

Thelma – Fernanda? Pensava que já tinha morrido!

Fernanda – Pois, como vê, não...

Thelma – Mais cinquenta euros perdidos... Então quem é que está na morgue?

Thelma repara no ecrã do computador.

Thelma – Olha, uma proposta nova... Estou a fazer sucesso... *(Escreve no teclado e lê o ecrã.)* Não acredito! É o doutor Miranda!

Thelma sai a olhar para o ecrã. Entra Fred, a segunda filha (ou o segundo filho) de Fernanda.

Fred – Olá, mãe... *(Com frieza.)* Sandy... Pedro...

Fernanda *(a Sandy)* – Olha, ali vem a tua mãe.

Sandy – Tu é que és a minha mãe. Aquela é a minha irmã...

Fernanda – Tens a certeza? Parece tão velha...

Pedro – Bem, nós vamos andando, não é, Sandy?

Fred – Não quero estar a expulsar-vos...

Sandy – Já íamos sair...

Sandy dá um beijo à mãe.

Fred – Olha, trouxe-te doces de fruta...

Fernanda – Obrigada... A tua irmã não se lembraria de me trazer nada... Nunca me traz nada...

Sandy – Trouxemos-te uma caixa, mãe. Está ali...

Pedro – Até à próxima, Fernanda...

Pedro e Sandy saem, lançando um olhar hostil a Fred. Fred dá a Fernanda a caixa que trouxe.

Fred – Vá, prova um doce de fruta...

Fernanda – Obrigada... *(Prova um.)* Não são tão bons como os da tua irmã...

Fred – Então, mãe, pensaste no que te pedi da última vez?

Fernanda – O quê?

Fred – Daquela caixa de lingotes que escondeste algures em casa...

Fernanda – Ah, isso...

Fred – Lembras-te do que fizeste com ela?

Fernanda – Sim.

Fred – E então?

Fernanda – E então, o quê?

Fred – O que fizeste com ela?

Fernanda – Acho que a pus no sótão.

Fred – Não?

Fernanda – Sim, mas acabei de o contar à tua irmã...

Fred – A cabra!

Fred sai a correr. Entra Luísa.

Luísa – Quer um chocolate? Foi o doutor Miranda que mos ofereceu por lhe ter deixado toda a minha fortuna...

Fernanda – Que simpático da parte dele... Que chocolates são?

Luísa – Lingotes.

Fernanda – Ah, então quero um! Fazem-me lembrar a minha infância. A minha mãe oferecia-mos muitas vezes. Acho que ainda tenho todas as caixas no sótão...

Entra Thelma. Nas costas de Luísa, aperta o tubo do soro com uma mola da roupa. Fernanda vê-a. Thelma, com um sorriso divertido, faz-lhe sinal para se calar.

Thelma – Eu sei que não devia, mas tem tanta graça...

Luísa começa a sentir-se mal. Regressa a irmã Esperança, com um fato de ginástica vistoso e um enorme leitor de CD ao ombro, como um rapper de rua. Thelma, apanhada em flagrante, retira discretamente a mola do tubo e Luísa recupera os sentidos.

Esperança – Vamos lá, minhas senhoras! É hora de mexer o corpo. Chegou a aula de ginástica.

Thelma – Oh, não! Ginástica, não...

A irmã Esperança carrega no botão do leitor de CD e ouve-se uma música animada, ao ritmo de uma aula de step.

Esperança – Vamos, todas comigo!

Esperança, um pouco exaltada, executa movimentos de step bastante espetaculares, que as doentes, enfraquecidas, imitam sem entusiasmo.

Esperança – Vamos, mais entusiasmo!

Thelma volta a apertar com a mola o tubo do soro de Luísa, que começa novamente a desfalecer.

Fernanda – Irmã Esperança... Parece-me que a Luísa já fez exercício a mais...

Esperança – Está bem, se calhar ficamos por aqui hoje...

Thelma retira a mola do tubo de Luísa, que vai recuperando os sentidos.

Thelma – Foi por pouco...

Esperança – Está melhor, Luísa?

Luísa – Sim... Devo ter tido uma quebra de tensão...

As três doentes saem. Carlos entra e encontra a irmã Esperança, que se prepara para sair, a desligar o leitor de CD, com uma roupa de ginástica justa e fluorescente.

Carlos – Bem... Estou a descobrir um lado seu que não conhecia, Esperança...

Esperança – É só uma roupa de ginástica... Acha que é um pouco demais...?

Carlos – Nunca imaginei que debaixo da sua bata branca se escondesse semelhante espetáculo... Recebeu a minha mensagem?

Esperança – Que mensagem?

O bip de Carlos toca.

Carlos – Desculpe, estão a chamar-me... Depois continuamos esta conversa, está bem?

Carlos sai. Entra Bárbara.

Bárbara – Então, irmã Esperança, a suar a camisola?

Esperança – Se calhar exijo-lhes demais... Mas, por outro lado...

Bárbara – Devia era ser um bocadinho mais discreta.

Esperança – Discreta?

Bárbara – Não se faça de desentendida! Quanto ao Carlos, aviso-a já: é território proibido!

A irmã Esperança sai. Carlos regressa, horrorizado, empurrando uma maca com um corpo coberto por um lençol branco.

Carlos – Acabo de encontrar um cadáver na morgue!

Bárbara – Isso não tem nada de extraordinário. Temos dois ou três todas as manhãs...

Carlos – Mas este não é nenhum dos nossos doentes. Até me pergunto se é humano. Parece um zombie. Veja...

Carlos levanta uma ponta do lençol. Vê-se Ângela. Luísa regressa na cadeira de rodas e repara no corpo.

Luísa – Ângela!

Bárbara – Conhece-a?

Luísa – É minha sobrinha! Veio visitar-me há pouco!

Bárbara – Onde a encontrou, doutor?

Carlos – Na morgue, já lhe disse!

Bárbara – Que sítio engenhoso para esconder um cadáver... É o último lugar onde alguém procuraria.

Carlos volta a cobrir o corpo com o lençol.

Carlos – Acha que pode ter sido assassinada?

Bárbara – Quem sabe... Meu Deus! O assassino pode estar entre nós! Temos de chamar a polícia!

Carlos – Já chamei. Devem estar a chegar...

Entram o inspetor Carvalho e o seu agente, Da Costa.

Inspetor – Inspetor Carvalho. E este é o agente Da Costa. Espero que ninguém tenha tocado em nada.

Carlos – Limitei-me a trazer o corpo para aqui nesta maca...

Inspetor – Muito bem, poupa-nos uma mudança de cenário. *(Levanta o lençol.)* Ui, que horror! A produção não poupou nos efeitos especiais...

Agente – Pois, aquela baba verde a escorrer-lhe da boca... Parece O Exorcista...

Inspetor – Há quanto tempo morreu, doutor?

Carlos – Não faço ideia. Não sou médico-legista...

Agente – Não se preocupe, havemos de descobrir...

Inspetor *(ao ver Luísa)* – Então, avozinha, como vai isso? Come-se bem aqui? Espero que melhorem a ementa de Natal. Ao menos tiveram uma sobremesa especial?

Bárbara – É a tia da vítima, inspetor. Deve estar em choque...

Inspetor – Ah, ótimo... Já sabemos quem é o cadáver. Poupa-nos tempo. Da Costa, leve esse carrinho de carne fria para mais longe, que me parece que já começa a cheirar mal...

Luísa – Coitada... Esteve a visitar-me há menos de uma hora...

Inspetor – Então foi há pouco tempo... Embora talvez já cheirasse mal quando estava viva...

Luísa – Mas têm a certeza de que está morta?

Da Costa prepara-se para levar o corpo para fora de cena.

Agente – Ou então é uma imitação perfeita... Da última vez que vi alguém a babar-se assim foi um pobre homem mordido por uma sogra com raiva...

Inspetor – Vá lá, Da Costa. Respeite o luto desta senhora, que acaba de perder a sobrinha em circunstâncias particularmente atrozes.

Agente – Desculpe, inspetor.

Da Costa sai com a maca e o corpo.

Inspetor – Então, minha senhora, a sua sobrinha foi a última pessoa a vê-la viva...

Luísa – Não será ao contrário, inspetor? Ainda não morri...

Inspetor – Não tente baralhar-me! Sei fazer o meu trabalho. Olhe, não foi a senhora que a matou, por acaso? Poupar-nos-ia muito tempo...

Luísa – Isto é uma animação de Natal, doutor Miranda? Um Cluedo ao vivo? O senhor é ator?

Carlos – Infelizmente não, minha querida Luísa... Ou então é um péssimo ator...

O inspetor chama Carlos à parte.

Inspetor – Seja como for, doutor, não é uma má ideia...

Carlos – O quê?

Inspetor – E se lhes dissesse que isto é uma representação? Seria menos traumático para os doentes. Psicologicamente falando...

Carlos – Bem... Acho que Luísa acabará por perceber que a sobrinha está mesmo morta...

Inspetor – Acha? No estado em que ela está... Daqui a quinze minutos nem se lembra de que tinha uma sobrinha. Mas decida o doutor. A psicologia é importante...

Da Costa regressa.

Agente – Já está, inspetor.

Inspetor – Muito bem. E onde é que pôs o corpo? É só para saber onde procurar, caso precise dele...

Agente – Na câmara frigorífica.

Inspetor – Ah, têm uma câmara frigorífica? Que prático. Nós também temos uma no instituto de medicina legal...

Bárbara – Sim, mas a nossa fica na cozinha...

Agente – Bem me parecia... Porque é que guardavam tantos animais mortos numa morgue?

Inspetor – Tentemos fazer a autópsia antes de ela congelar por completo. Senão temos de usar um picador de gelo...

Agente – Ou o micro-ondas...

Inspetor – E não fazem ideia de como foi assassinada?

Bárbara – Como haveríamos de saber, inspetor?

Inspetor – Não sei... Vocês são médicos, estão habituados a matar pessoas, não estão? Estou a brincar...

Agente – Mas quem terá feito uma coisa destas?

Inspetor *(pousando-lhe a mão no ombro)* – É isso que estamos aqui para descobrir, Da Costa...

Agente – Tem algum plano, inspetor?

Inspetor – Tirem daqui toda a gente, menos a senhora idosa. Vou interrogá-la e depois pode ir almoçar. Não somos monstros. Sabemos que os velhotes gostam de almoçar cedo...

Bárbara *(baixinho)* – Alimentamo-la por via intravenosa, inspetor. Tiraram-lhe o estômago na semana passada...

Inspetor – Ao menos já não tem problemas de digestão... Vá, toda a gente lá para fora! Chamamo-vos pelo número, quando chegar a vossa vez. Como no centro de emprego.

Carlos e Bárbara saem.

Inspetor – Da Costa, enquanto interrogo esta senhora, vasculhe este hospital de uma ponta à outra. E arranje alguém para fazer a autópsia. Não vamos passar aqui as festas!

Agente – Entendido, inspetor.

Da Costa sai.

Inspetor – Então, avozinha, não quer confessar já? Ficava de consciência tranquila e eu passava a consoada com a família.

Luísa – Ofereci-lhe um cachecol de lã. Ter-se-á enforcado com ele?

Inspetor – Parece mais um envenenamento, a julgar pela cor da baba que lhe saía da boca... Comeram alguma coisa quando a sobrinha a veio visitar?

Luísa – Comemos línguas de gato...

Inspetor – Pelos vistos, fizeram-lhe mal... Pobres bichinhos... Aposto que eram línguas de gato preto! Mas o que foi aquilo, uma consoada ou um ritual satânico?

Luísa – E depois bebemos champanhe...

Inspetor – Olhe, não se privaram de nada... Eu, com a minha reforma, nem sei se vou poder comprar champanhe...

Luísa – Não é Natal todos os dias! E, no meu estado, nem sei se chego ao próximo...

Inspetor – Não sabe a sorte que tem... O Natal sempre me deprimiu. Desde miúdo...

Luísa – Vá lá, não vai agora contar-me a sua infância infeliz, pois não?

Inspetor – Muito bem... Diria que tinha uma relação difícil com a sobrinha?

Luísa – Vinha cá na esperança de herdar, mas... Quando nos restam poucos meses de vida e temos milhões na conta, é difícil acreditar em visitas desinteressadas...

Inspetor – Isso explica que ela quisesse abreviar-lhe o sofrimento, mas não o contrário... E incluiu-a no testamento, em agradecimento pela dedicação?

Luísa – Dedicação, uma ova...

Inspetor – Reconheça que vir visitar moribundos ao hospital não é propriamente um passeio. E ainda há as despesas: flores, doces, revistas... Isso merece uma compensação, não?

Luísa – Deixei tudo ao doutor Miranda.

Inspetor – E fez muito bem. Esse doutor Miranda parece um santo...

Da Costa regressa.

Agente – Inspetor, encontrámos o carro da vítima. É preto... quer dizer, cinzento. Está estacionado no parque do hospital, num lugar reservado a pessoas com deficiência...

Inspetor – E o que conclui disso, Da Costa?

Agente – Bem... A vítima não era deficiente...

Inspetor – Isso só a autópsia poderá dizer. Já agora, arranjou alguém para a fazer?

Agente – Sim, inspetor. O doutor Miranda ficou encarregado...

Inspetor – E mais?

Agente – Estava a pensar que talvez já tenhamos encontrado o motivo do crime...

Inspetor – Que motivo?

Agente – Pode ter sido uma pessoa com deficiência, para se vingar de lhe terem ocupado o lugar...

Inspetor – Bravo, Da Costa! Não vamos ignorar essa pista. Agora leve a velhota e traga-me a próxima testemunha...

Agente – Que testemunha, inspetor?

Inspetor – Sei lá! A primeira que encontrar... *(Da Costa leva Luísa.)* A estes jovens é preciso explicar-lhes tudo...

O inspetor examina a sala. Encontra no chão um pequeno frasco e tenta, sem êxito, ler o rótulo. Da Costa regressa com a irmã Esperança.

Inspetor – O que diz aqui, Da Costa? Não sei onde deixei os óculos...

Agente – «Veneno», inspetor... Acha que pode ter alguma coisa que ver com o envenenamento?

Inspetor – Francamente, duvido. Mas mande-o para o laboratório, para ver se é alguma substância tóxica...

Agente – Entendido, inspetor...

Da Costa leva o frasco e sai.

Inspetor – Bem, irmãzinha... Antes de mais, o que a levou a fazer-se freira? Uma rapariga bonita como a senhora...

Esperança – Sou esposa de Nosso Senhor... Dedico a vida a ajudar os outros...

Inspetor – Nesse caso, fazemos um trabalho parecido.

Esperança – Por caminhos diferentes...

Inspetor – Os caminhos do Senhor são insondáveis... Não reparou em nada de estranho por aqui, ultimamente?

Esperança – Por exemplo?

Inspetor – Não se dedica à bruxaria, pois não? Missas negras, sacrifícios humanos, exorcismos...

Esperança – Não, inspetor.

Inspetor – Uma eutanásia de vez em quando, talvez...?

Esperança – Isso contraria os princípios da minha religião, inspetor.

Inspetor – Ah, não sabia... Terei de reler o Alcorão um dia destes...

Esperança – Além disso, não foi um dos nossos doentes terminais que morreu, mas uma jovem que vinha visitar um deles...

Inspetor – Uma pessoa quer abreviar o sofrimento de um moribundo e acaba por ceifar uma jovem na flor da idade. Ninguém está livre de um erro médico...

Esperança – Sou enfermeira diplomada...

Inspetor – Ora, irmã... Não me diga que nunca aconteceu aqui alguém entrar para tirar as hemorroidas e sair com uma perna a menos...

Esperança – Tem mais alguma pergunta, inspetor? Os doentes precisam de mim...

Inspetor – Por agora é tudo, mas peço-lhe que se mantenha à disposição da polícia até nova ordem.

Esperança – O que quer dizer com isso?

Inspetor – Vamos tentar dispensar a pulseira eletrónica, mas, se tenciona viajar para um país sem acordo de extradição, agradecia que adiasse a viagem...

Esperança – Só tinha previsto uma peregrinação a Lourdes no Ano Novo...

Inspetor – Isso fica no espaço Schengen?

Esperança – Fica em França, pelo menos...

Inspetor – Muito bem. Passo-lhe uma autorização para ir cumprimentar Nossa Senhora de Lourdes...

Esperança – Obrigada, inspetor.

Inspetor – Vá na paz do Senhor, minha filha.

Esperança sai. Da Costa regressa.

Inspetor – Então, Da Costa, que deu a busca?

Agente – O costume, inspetor: um pouco de marijuana, armas de fogo, dinheiro debaixo dos colchões... Até encontrei morfina...

Inspetor – Morfina? Onde é que isto vai parar? Num hospital, imagine-se! Mas quando diz dinheiro debaixo dos colchões...

Agente – Notas, inspetor: euros, francos suíços, liras italianas... Até encontrei alguns escudos...

Inspetor – Ah, os escudos... Bons tempos, não é, Da Costa? Agora é que se vê como estamos velhos...

Agente – Mas o que me preocupa mesmo, inspetor, é isto...

Sai e regressa com uma pilha de caixas nos braços.

Inspetor – O que é isso, Da Costa? Acha que é altura de fazer as compras de Natal? Temos um crime para resolver, caramba!

Agente – Doces de fruta, inspetor. Vinte e quatro caixas, para ser exato...

Inspetor – E onde encontrou isso?

Agente – Debaixo da cama de uma doente, a Fernanda. Até me pergunto se esse nome não será falso... Já ninguém se chama Fernanda!

Inspetor – Concordo, Da Costa. Acho que temos uma pista séria. Mande isso também para o laboratório. Não vai explodir, pois não?

Agente – Seja como for, a maior parte dos doces já passou da validade.

Inspetor – Já interrogou essa Fernanda?

Agente – É teimosa como uma mula. Não consegui arrancar-lhe nada... Pensei que o inspetor teria mais jeito. Toda a gente conhece os seus talentos de psicólogo com testemunhas difíceis... Trouxe-a comigo...

Inspetor – Fez bem. Traga a senhora...

Da Costa sai por instantes e regressa com Fernanda.

Inspetor – Sente-se aqui, Fernanda, faça favor...

Da Costa sai. Sem mais nem menos, o inspetor dá uma estalada a Fernanda.

Fernanda – Mas o que é isto?!

Inspetor – Antigamente preferia as listas telefónicas, mas hoje em dia, com a Internet, já quase não se encontram... Então, vai falar?

Fernanda – Mas ainda nem me fez pergunta nenhuma!

Inspetor – Pois, pois... E estes doces de fruta, vai dizer-me que eram para consumo próprio, não é?

Fernanda – Toda a gente insiste em trazer-me doces de fruta, inspetor... Detesto-os! O senhor gosta?

Inspetor – Bem... *(Prova um.)* Olhe que não são nada maus...

Fernanda – Eu gosto é de lingotes! A minha mãe dava-mos quando era pequena. O senhor gosta de lingotes, inspetor?

Inspetor – Lingotes?

Entra Fred, filha (ou filho) de Fernanda.

Fred – Mãe... Desculpe interromper, senhor inspetor, mas precisava de falar consigo... *(Puxa-o para um lado e fala em voz baixa.)* Conseguiu fazê-la confessar?

Inspetor – Confessar o quê, minha senhora?

Fred – Os lingotes! Disse-lhe onde os escondeu ou não?

Inspetor – Ainda não, mas há de dizer. Confie na polícia...

Fred – Não hesite em usar métodos um bocadinho... mais enérgicos. Julguei que a minha irmã os tinha encontrado, mas ela garante que não...

Inspetor – A sério?

Fred – Deixo-o trabalhar... Mantém-me informada?

Inspetor – Com certeza, minha senhora.

Fred sai.

Inspetor – Que ganância... Andarem assim às turras em família... Tudo por uns chocolates!

Da Costa regressa.

Agente – Tomei a liberdade de interrogar algumas testemunhas, inspetor, e são unânimes: come-se pessimamente neste hospital...

Fernanda – É bem verdade! Uma porcaria!

Agente – Até encontrei carne estragada no frigorífico.

Inspetor – Além do nosso cadáver, quer dizer? Estou a brincar...

Agente – Vou continuar a busca. Se descobrir alguma coisa, aviso-o...

Inspetor – Muito bem, livre-me desta bruxa e traga-me a boneca Barbie.

Agente – A enfermeira Bárbara?

Inspetor – Exatamente...

Da Costa sai com Fernanda. Entra Bárbara.

Inspetor – Ah, minha senhora... Sente-se, faça favor...

Bárbara – Pode chamar-me Bárbara. *(Senta-se diante dele, cruzando as pernas.)* Queria fazer-me alguma pergunta, inspetor?

Inspetor *(perturbado)* – Hum... Sim, mas agora não me lembro...

Bárbara – Tenho todo o tempo do mundo...

Inspetor – Ah, já sei... Tem alguma razão para suspeitar de que o seu chefe, o doutor Miranda, faz experiências médicas proibidas com os doentes?

Bárbara – Como os médicos nazis, quer dizer?

Inspetor – Um médico com acesso a medicamentos e um hospital cheio de doentes... Reconheça que é uma hipótese a investigar. Embora seja apenas uma hipótese...

Bárbara – O doutor Miranda? Não acredito, inspetor. É uma pessoa muito atenciosa...

Inspetor – Também havia médicos muito atenciosos entre os nazis... Pelo menos enquanto não se entrasse na lista dos pacientes...

Bárbara – Essa parte da história desconhecia-a por completo, inspetor...

Inspetor – Admitamos. Mas também pode andar a dar milho geneticamente modificado aos doentes sem lhes dizer, para ver se desenvolvem tumores. Conhecemos as ligações por vezes pouco saudáveis entre a classe médica e as farmacêuticas...

Bárbara – É verdade que quase todos os nossos doentes já têm tumores... Mas isso não combina com o doutor Miranda. É um homem absolutamente desinteressado. Não ouviu falar da fundação dele para órfãos sem pais?

Inspetor – Esqueçamos isso, minha cara... Foi apenas um interrogatório de rotina. Não a retenho mais. *(Bárbara levanta-se para sair.)* Ah, Bárbara, só mais uma perguntinha...

Bárbara – Sim, inspetor Colombo...

Inspetor – Sobretudo depois de comer pratos picantes, como cuscuz ou chouriço, sinto umas comichões terríveis... num sítio que o decoro me impede de mencionar numa peça de teatro... Sabe o que poderá ser?

Bárbara – Refere-se ao seu traseiro, suponho...

Inspetor – Não, quero dizer... que doença será? Acha que é grave?

Bárbara – Devem ser apenas hemorroidas. Marco-lhe uma consulta com o doutor Miranda depois das festas. Entretanto, evite os excessos...

Inspetor – Obrigado, Bárbara, já me sinto aliviado...

Bárbara sai. Da Costa regressa.

Inspetor – Então, Da Costa, que dizem as suas investigações?

Agente – Este hospital é um autêntico caos, inspetor: tráfico de droga, apostas clandestinas, abuso de pessoas vulneráveis, branqueamento de capitais, acompanhantes contratadas pela Internet...

Inspetor – E a autópsia?

Agente – Aí também avançámos. A autópsia revela que a vítima comeu uma enorme quantidade de línguas de gato.

Inspetor – Doces de fruta, nem vê-los?

Agente – Só línguas de gato, fora de prazo há mais de uma semana. Encontrei a embalagem no lixo.

Inspetor – Bravo, Da Costa! Deve ter sido essa a causa da morte... Línguas de gato passadas não perdoam. Agora falta saber se foi envenenamento ou uma intoxicação acidental...

Agente – Há mais, inspetor...

Inspetor – Que mais?

Agente – A autópsia revelou que a vítima ainda não estava morta quando começou...

Inspetor – E então?

Agente – Bem... O doutor Miranda tentou voltar a pôr tudo mais ou menos no sítio...

Inspetor – A vítima foi encontrada na morgue... Naturalmente, isso induziu os médicos em erro. Como vê, Da Costa, é sempre perigoso tirar conclusões precipitadas...

Agente – Mais uma coisa, inspetor... Examinei os computadores...

Inspetor – E o que encontrou?

Agente – Bingo! Acabo de deter um sujeito que tinha marcado um encontro pela Internet com alguém que trabalha neste hospital...

Inspetor – Traga-o cá, Da Costa. Traga-o cá!

Da Costa traz Carlos e Esperança e sai.

Inspetor – O senhor, doutor Miranda? E a senhora, irmã Esperança?

Carlos – Posso explicar, inspetor...

Inspetor – Faça favor, doutor...

Carlos – Estou apaixonado pela irmã Esperança desde o dia em que entrou no hospital. Quando descobri por acaso que ela estava inscrita num site de encontros, usei um nome falso e convidei-a para sair... Ela aceitou sem saber quem eu era... *(Olha para Esperança.)* Esperança, espero que não esteja muito desiludida...

Esperança – Mas isto só pode ser uma armadilha do Diabo, inspetor! Nunca entrei em sites de encontros, garanto-lhe!

Inspetor – Vá lá, irmã, não se faça de virgem ofendida... Todos nós, de vez em quando, damos uma espreitadela a esses sites...

Da Costa entra.

Agente – Trago-lhe a vítima, inspetor... É um autêntico milagre! Assisti à autópsia, havia órgãos espalhados por toda a sala...

Inspetor *(a Carlos)* – Bravo! Nem o doutor Frankenstein faria melhor...

Entra Ângela, mais zombie do que nunca, com baba colorida nos cantos da boca.

Carlos – Fiz o que pude, mas se a quiserem interrogar, aconselho-os a despacharem-se...

Inspetor – Tem razão... Não é todos os dias que podemos interrogar a vítima de um homicídio...

Ângela *(com voz de além-túmulo)* – Vão todos arder no Inferno!

Esperança sobressalta-se.

Esperança – É o Anticristo! O Senhor escolheu-me para o enfrentar! *(Abre a bata, revelando o fato de ginástica fluorescente, e põe-se em posição de karaté, esboçando uns movimentos ameaçadores.)* Vade retro, Satanás!

Esperança desfere um golpe fatal em Ângela. Da Costa inclina-se sobre o corpo.

Agente – Desta vez acho que está mesmo morta, inspetor...

Esperança – As forças do Bem triunfaram sobre as forças do Mal... Agora podem fazer de mim o que quiserem...

Inspetor – Não me tente, irmã... Quanto ao cadáver que acaba de assassinar, ficamos com a versão oficial: a vítima já estava morta antes da autópsia...

Agente – Afinal, não somos monstros. Não vamos prender uma freira...

Inspetor – Sobretudo uma freira que acaba de encontrar o grande amor graças à Internet...

Bárbara entra furiosa, seguida de Thelma.

Thelma – Mas estou farta de dizer que a Thelma sou eu!

Bárbara *(a Esperança)* – Sua cabra! Avisei-te para não te aproximares do Carlos!

Bárbara atira-se a Esperança e as duas começam à pancada.

Agente – Não acha que devíamos separá-las, inspetor?

Inspetor *(fascinado)* – Espere só mais um bocadinho...

Entram Fernanda e Luísa.

Thelma – Eu aposto na morena. E a senhora?

Fernanda – Cinquenta euros na loira...

Fred entra e atira-se a Fernanda.

Fred – Onde meteste os lingotes, sua cabra?

Fernanda – Mas eu nem sei de que estás a falar! Inspetor!

Fred – Não se preocupe, inspetor. É só uma pequena discussão de família...

Fred agarra Fernanda pelo pescoço e começa a sacudi-la.

Fred – Vais desembuchar, sua bruxa!

Inspetor – Podemos dar o caso por resolvido, Da Costa. Somos as forças da ordem, e parece-me que a ordem foi restabelecida...

Agente – Bravo, inspetor! Mais uma investigação exemplar. Bom trabalho...

Inspetor – Obrigado, Da Costa. Vai passar a consoada com a família?

Agente – Infelizmente, inspetor, sou órfão. Já não tenho família...

Inspetor – Não sabe a sorte que tem, Da Costa...

Agente – O meu pai morreu em serviço. Posso contar-lhe agora: trabalhava às suas ordens e tinha muito orgulho nisso... Foi por isso que quis entrar para a sua equipa, inspetor.

Inspetor – O que me diz comove-me, Da Costa. Considero-o como um filho e não vou deixá-lo sozinho num dia destes...

Agente – Sabia que podia contar consigo, inspetor...

Inspetor – Olhe, aqui está o doutor Miranda. A fundação dele, financiada por generosos doadores em fim de vida, como Luísa, trata de órfãos sem pais, como o senhor... Há de encontrar maneira de não passar a consoada sozinho. Não é, doutor?

Agente – Obrigado, inspetor.

Inspetor – Deixo-o, Da Costa... Esperam por mim em casa. Sou eu que tenho de rechear o peru... Feliz Natal a todos!

O inspetor sai, enquanto metade dos presentes continua à pancada e a outra metade fica a olhar. Ouvem-se sirenes de ambulância e da polícia, misturadas...

Escuro. **FIM**

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-073-5

Documento para download gratuito